

Isso é ser bonita! Feminilidades construídas através das imagens.

¡Esto es ser hermosa! Feminidades construidas a través de las imágenes.

This is to be beautiful! Femininities built through images.

Luciana Borre Nunes

lucianaborre@yahoo.com.br

Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual UFG.

O artigo integra a dissertação de mestrado “Meninas são doces e calmas: um estudo sobre gênero através da cultura visual” desenvolvido na PUCRS em 2008. Foi apresentado no I Congreso Internacional “Arte, Ilustración y Cultura Visual en Educación Infantil y Primaria: construcción de identidades”, em Granada (Espanha) entre os dias 3 e 6 de novembro de 2010 e agora se configura como um artigo convidado.

Tipo de artigo: Relato e performance didáctica.

RESUMO

Apresento um estudo sobre a constituição de gênero através do trabalho pedagógico com a chamada nova cultura visual. A perspectiva pós-estruturalista embasa a pesquisa que também está sob a luz dos Estudos Culturais em Educação. A investigação é qualitativa, com abordagem no estudo do tipo etnográfico, e ocorreu em uma escola da rede particular de Porto Alegre (Brasil) com estudantes de Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O principal objetivo foi problematizar como as identidades femininas são produzidas através do trabalho pedagógico em artes visuais nas escolas.

Palavras-chave: Cultura Visual, Gênero, Escola.

RESUMEN

El siguiente artículo presenta un estudio sobre la constitución del género a través del trabajo pedagógico con la llamada nueva cultura visual. La perspectiva postestructuralista subyace en la investigación, que también se sitúa bajo la luz de los estudios culturales en educación. La investigación es cualitativa, aborda un estudio de tipo etnográfico y se desarrolla en una escuela privada con estudiantes de Porto Alegre (Brasil) en los primeros cursos de Educación Primaria. El objetivo principal fue problematizar cómo se producen las identidades femeninas a través del trabajo pedagógico con las artes visuales en las escuelas.

Palabras-clave: Cultura Visual, Género, Escuela.

ABSTRACT

This article presents a study on the establishment of gender through pedagogical work with the so-called new visual culture. The post-structuralist perspective bases the research which is also under the light of Cultural Studies in Education. The research is qualitative, approaching the ethnographic study, and takes place in a private school network in Porto Alegre (Brazil) with students from Initial Series of Elementary School. The main goal was to question how feminine identities are produced through pedagogical work in visual arts teaching in schools.

Keywords: Visual Culture, Gender, School.

INTRODUÇÃO

Apresento recorte da pesquisa desenvolvida em 2007 e 2008 sobre a produção de feminilidades nas salas de aula. A perspectiva pós-estruturalista embasa a pesquisa que também está sob a luz dos Estudos Culturais em Educação. A investigação é qualitativa, com abordagem no estudo do tipo etnográfico e contou com a utilização de grupos focais para a coleta de dados, tendo em vista que esta técnica demonstra maior produtividade em uma investigação com crianças. Grupos Focais é uma técnica para coletar informações qualitativas em pesquisas que pretendem explorar experiências, opiniões, sentimentos, posicionamentos e preferências. Segundo Gaskell (2002: 75), o “objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem.” O estudo ocorreu em uma escola da rede particular de Porto Alegre (Brasil) com estudantes de Séries Iniciais do Ensino Fundamental. O principal objetivo foi problematizar como as identidades femininas são produzidas através do trabalho pedagógico em artes visuais nas escolas.

As imagens, como artefatos que produzem conhecimentos e que contribuem para a constituição de nossas representações, falam sobre como são (ou devem ser) os meninos e as meninas. Formam um imaginário social sobre os comportamentos aceitáveis para cada gênero, instituindo falas e gestos para as mais diversificadas situações sociais. Diante disso, temos um universo visual a ser desvendado cotidianamente, um mundo de imagens para ler e para tentar compreender aspectos importantes de nossa cultura. As propagandas publicitárias, as fotos dos jornais, a programação televisiva, a internet, a maneira de se vestir, as revistas, os enfeites de cabelo e as ilustrações de todo tipo estão carregados de informações sobre o ambiente em que vivemos, portanto, muito temos a problematizar.

Nas salas de aula as imagens ganham relevância de trabalho pedagógico no momento em que percebemos suas influências para com as crianças. Essas não só vivenciam uma nova cultura visual como também interagem e corporificam os discursos por ela produzida e transmitida.

Por isso, quis desconfiar das atitudes cotidianas das crianças e compreender como as inúmeras imagens, que invadem a

rotina escolar, contribuem para que as meninas escolham seus brinquedos, roupas, materiais e determinadas atitudes. A cultura visual mostra e constitui, sutilmente (e às vezes de maneira direta e objetiva), como as meninas são ou devem ser. Sobre isso, Hernández afirma que: “Um mundo onde o que vemos tem muita influência em nossa capacidade de opinião é mais capaz de despertar a subjetividade e de possibilitar inferências de conhecimento do que o que ouvimos ou lemos.” (HERNÁNDEZ, 2007:29).

A partir disso, reflito sobre a constante busca pela beleza física na qual nossas meninas estão submersas. Vale ressaltar que este escrito é parte da pesquisa de mestrado realizada em 2008 com crianças do Ensino Fundamental e foi apresentada no I Congreso Internacional Arte, Ilustración y Cultura Visual em Educación Infantil y Primaria: construcción de identidades, em Granada (Espanha) em novembro de 2010.

1 “EU QUERIA SER IGUAL A ELAS!”: A BUSCA PELA BELEZA

Enquanto professora, passei a problematizar as representações do corpo feminino e como essas se naturalizaram através das seguintes perguntas: como o corpo feminino está presente na publicidade? Quais as imagens femininas mostradas pela maioria das revistas? Quais os corpos que não estão presentes nas personagens preferidas das crianças e nas imagens publicitárias das revistas? Como as meninas constituem um desejo de consumir e alcançar determinados padrões estéticos de beleza? Que tipo de padrão estético de beleza a boneca Barbie e a Moranguinho constroem?

Essas questões emergem, e provocam-me de maneira peculiar, no momento em que vivencio a angústia de alunas (com apenas 8 ou 9 anos de idade) relacionadas à sua aparência física. Diversas vezes as meninas expressaram intensas inquietações e frustrações sobre seu corpo, manifestando o desejo de fazerem dietas, de usarem roupas que valorizem determinadas partes do corpo (sutiãs com enchimento, por exemplo), de esconderem-se atrás dos colegas para tirar uma foto (para não deixarem que

registrem o suposto peso indesejado) ou de chorarem diante de ofensas dos meninos, que também sabem expressar seus padrões estéticos preferidos. Tudo isso em um universo infantil onde a aparência física magra é almejada por todas as meninas e reverenciada pelos meninos.

As imagens, junto a outros artefatos culturais, constituem um imaginário de beleza física ideal e as meninas buscam isso constantemente. Que inferências são realizadas pelas meninas diante das imagens que elas vêem na revista a seguir? Que padrões estéticos são apresentados? Que corpos são fabricados por essas imagens? O que essas imagens falam constantemente para as meninas?

Visualizei em minha prática pedagógica aquilo que Martins e Tourinho destacam como as “... culturas da mídia, com seus personagens, imagens, significados, jargões e, principalmente, com um modo próprio de expressar ideias e pensamentos, [que] constrói mundos e histórias de mundos que invadem o imaginário infantil” (2010: 42).



Figura 1. Menina manuseando revista em sala de aula. A autora (2008).

As meninas “sofrem” com a ditadura da beleza ao mesmo tempo em que buscam enquadrarem-se aos padrões determinados. O corpo almejado pelas meninas é constantemente produzido, fabricado e moldado

culturalmente, pois, a todo o momento, novas técnicas surgem para que a forma física seja modificada. Queremos alcançar a magreza, a saúde, os cabelos lisos, uma pele sem manchas e sem pêlos, um rosto com um sorriso perfeito e clareado. Tudo isso são discursos que as imagens instauram e perpetuam, cotidianamente, através de revistas (com fotografias publicitárias manipuladas de modelos supostamente “perfeitas”), de livros infantis que apresentam princesas belas, das bonecas com cabelos longos e corpos magros, dos anúncios de facilidades para tratamentos e de cirurgias estéticas e dos diversos outros mecanismos que circulam, também, no universo infantil feminino e masculino.

O corpo é produzido pela rede de significados culturais na qual estamos inseridos. Com isso, cuidar de um corpo feminino é, certamente, diferente de cuidar de um corpo masculino, porque as exigências, mesmo que sejam semelhantes no que diz respeito à necessidade de investimento na saúde, não são as mesmas.

A indústria da beleza na contemporaneidade também está preocupada com os cuidados do corpo masculino. No entanto, o contexto da pesquisa sinalizou que o corpo feminino ainda é o principal foco de investimentos midiáticos. A ideia da busca constante da beleza tem sido expandida como algo inerente ao feminino. Segundo Felipe: “Ao longo da história e nas mais diferentes culturas, o corpo tem sido pensado, construído, investido, produzido de diferentes formas... Corpos femininos e masculinos não têm sido percebidos e valorizados da mesma forma.” (FELIPE, 2007:54).

O corpo é delimitado no tempo e onde se vive, por isso devemos percebê-lo não só biologicamente, mas como algo construído pela sociedade. “Pensar o corpo assim é pensá-lo como um constructo cultural” (FIGUEIRA, 2007:126). Dessa maneira, ele está em constante transformação, sendo culturalmente modificado pelos próximos anos. Segundo Figueira: “Vivemos um momento em que o culto ao corpo se tornou quase uma obrigação. [...] Os corpos não só se tornaram mais visíveis como foram, também, objetos de investigação. Sobre eles se criam imagens, discursos, formas

de admirá-los, de negá-los, de representá-los.” (FIGUEIRA, 2007:124).

Corpos esculpidos permeiam, significativamente, as imagens do cotidiano. Estão nos desfiles de moda, nas revistas, no meio publicitário, nos programas televisivos, nos desenhos animados, nos livros, nos jornais, nos filmes, nas academias... Difícil seria não pensar sobre o nosso próprio corpo diante de tudo isso. Ou melhor, perceber que nunca chegaremos a uma plenitude de satisfação corporal porque a cada dia que passa os padrões estéticos se modificam. Cotidianamente são criados novos produtos para provocar nossa curiosidade e para incentivar a constante busca pela suposta “perfeição”.

As meninas da turma na qual desenvolvi a pesquisa tem entre 8 e 9 anos, são oriundas de classe social média e demonstraram que convivem, intensamente, com inúmeras imagens que mostram como deve ser um corpo feminino. Elas levam revistas do seu ambiente familiar para a escola relacionadas às temáticas de moda, beleza e entretenimento adolescente.

Os meninos também evidenciaram que valorizam determinados padrões estéticos, sendo bastante incisivos em suas opiniões sobre beleza. Quando questionados sobre suas opiniões acerca da aparência física das mulheres que

aparecem nas revistas, um deles relata: *Só não é feia se tiver um corpo bonito, com pele branca, seios volumosos, com silicone, pé normal, 100% cheio de silicone. Isso é ser bonita!* (Lucca).

Diante desses padrões de beleza, pergunto: quais das imagens a seguir atendem ao que os meninos da turma consideram belo e que, ao mesmo tempo, fabricam tais preferências? Que tipos de corpos são apresentados?

Os meninos relataram alguns padrões para uma mulher (ou menina) ser considerada bonita. Esses padrões são encontrados nas imagens acima? O feminino é loiro? Sua pele é branca? Seu corpo é esculpido e magro? Alguma das personagens tem silicone?

Ao feminino está definido o cuidado constante com seu corpo, a obrigação de mantê-lo belo e a responsabilidade por ingerir qualquer substância que não esteja prevista no código de condutas de uma dieta.

Sendo assim, as meninas estão imersas em uma rede disciplinar que fala sobre como o corpo deve ser cuidado. Os procedimentos adequados para manter-se bonita sem qualquer tipo de reflexão estão relacionados com os pressupostos apresentados por Foucault (1987: 119) ao afirmar que: “A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.



Figuras 2 e 3. Meninas manuseando revista e caderno da Cinderela. A autora (2008).

As meninas aprendem, respondem e atendem a um código de condutas para a manutenção e busca de uma aparência física que esteja inserida em determinados padrões culturais. Essa afirmação torna-se evidente com situações de sala de aula, nas quais as meninas negam-se a realizar seu lanche para não correrem o risco de adquirir peso ou ainda, de serem fortemente criticadas por seus colegas quando comem um bombom ou uma barrinha de chocolate.

Assim, as estudantes estão diante de

um conjunto de “regras” para o desenvolvimento de seu corpo, ainda infantil, e desde cedo já aprendem e seguem as normalidades vigentes. Duas destas regras foram ditas por um menino durante a pesquisa ao afirmar que as meninas deveriam alisar seus cabelos para ficarem bonitas e que deveriam usar sandálias com salto alto para ficarem com aparência mais alta.

As imagens, associadas a outros artefatos culturais, tais como: livros infantis, grupos de convivência, contação de histórias e reportagens televisivas, produzem saberes que ocasionam a disciplina dos corpos femininos, pois as meninas aprendem e seguem as regularidades previstas para seu corpo.

Olhares sobre o corpo são projetados e naturalizados através das relações de poder instauradas pelas imagens. A cultura visual, então, promove e perpetua discursos que acabam sendo refletidos nas práticas culturais, nos comportamentos cotidianos. As imagens exercem poder sobre as mulheres e meninas porque ensinam como deve ser o seu corpo.

Sendo assim, cada um é responsável pela arquitetura de seu próprio corpo e deve sempre recorrer a atualizações. Diante disso, é possível estranhar que as meninas de 8 e 9 anos de idade já estejam preocupadas com sua aparência física (ainda em fase de crescimento)?

As meninas da turma demonstraram que já aprenderam sobre a “obrigação” de enquadrarem-se e de perceberem aspectos ligados à normalidade constituída para seus corpos. Elas apresentam a necessidade de ficar com o cabelo liso, de preocuparem-se com tudo aquilo que comem, de comprarem somente roupas da moda e de mostrarem os acessórios que podem ser usados, ao mesmo tempo, que repudiam outros.

Durante um dos encontros do grupo focal uma das meninas

da turma relatou o seguinte: “A Barbie tá sempre mudando de estilo e é isso que eu gosto nela. Ela está sempre na moda!” (Claudia, 8 anos). No mesmo dia, outra menina não comeu um bombom oferecido por um colega justificando que: “Eu não posso comer isso porque senão vou ter que malhar quando chegar em casa” (Gabriela, 8 anos).

As personagens preferidas das meninas produzem comportamentos que perpetuam as qualidades pessoais de bondade, de respeito ao próximo e de angelicalidade como inerente ao feminino. Uma das alunas, durante atividade do grupo focal, afirmou que a: “Moranguinho não faz coisas perigosas que nem os super heróis. Ela gosta de brincar com as amigas e de ajudar os animais” (Michele, 8 anos). Outra aluna contou que “...a Pocahontas é a única princesa que faz coisas de menino” (Nicole, 8 anos).

Através de suas histórias e narrativas as personagens também constroem um ideal de corpo que é constantemente almejado. É o caso da Moranguinho e das princesas da Disney:



Figuras 4 e 5. Meninas com seus materiais escolares. A autora (2008).

Moda, corpo magro e modelado, sorriso clareado, estilo de vida dinâmico e meiguice, são perspectivas que invadem o cotidiano das salas de aula através das inúmeras imagens que as crianças vivenciam. Eis questões que já não podem

estar fora das discussões e das reflexões dos educadores e educadoras em geral.

Estas situações evidenciam que as imagens atraem os interesses infantis, ensinam coisas, estão presentes de maneira marcante no dia-a-dia dos estudantes e entram nas salas de aula independentemente da autorização adulta. Mesmo assim são desconsideradas e, muitas vezes repudiadas pelos interesses da instituição escolar. Pereira (2008: 4) afirma que: “As escolas continuam a naturalizar discursos que aprisionam os sujeitos em concepções únicas e verdadeiras, sem considerar a diversidade de olhares possíveis sobre os fatos sociais”. Elas buscam enquadrar a constituição dos envolvidos em apenas alguns referenciais hegemônicos. Alguns conhecimentos são considerados adequados para o trabalho pedagógico, desconsiderando um universo de possibilidades.

PALAVRAS FINAIS

A relevância do trabalho com imagens nas escolas diz respeito a compreendê-las como deflagradoras de representações sociais e culturais. Ou seja, a produção e a interpretação de uma imagem refletem o que um sujeito pensa sobre determinado assunto ou situação, denunciando pontos de vista e percepções sobre uma realidade. Por isso, as imagens suscitam muito mais do que informações diretas e explícitas. Cao (2005: 208) apresenta importante contribuição ao afirmar que as “imagens não são neutras. Tampouco o olhar que projetamos sobre elas. Não existem imagens denotativas, nas quais não exista um grau retórico de informação. Dito de outra maneira, não existe imagem que somente transmita informação sobre si mesma.”

A compreensão da cultura visual diz respeito a entender como as imagens estão presentes de diferentes formas, em diversos lugares e tempos históricos e como esse processo se articula para formar nossas percepções de mundo. Objetos de estudo nesta área têm como foco imagens e artefatos sociais de diferentes épocas e grupos para traçar um estudo e uma trajetória de compreensão. Por exemplo, utilizar as imagens oferecidas por propagandas publicitárias para compreender como o corpo é visto ao longo dos anos e para entender o que se pretendia transmitir como valor

social em determinada época. Estamos imersos em uma extensa diversidade de imagens e não podemos ignorá-las como constituidoras de imaginários e de subjetividades visto que grupos sociais as produzem, “afetando” nossas visões e entendimentos do mundo.

Cunha (2010: 66) afirma que as “formas de controle que as imagens exercem nos espaços das salas de aulas são variadas, muitas vezes explícitas, outras vezes veladas.” A autora trabalha com a temática cultura visual e infância, tratando de questões relacionadas às imagens, sejam elas imagens de arte, de publicidade, de informação, ficção, entretenimento ou da cultura popular, discutindo as pedagogias visuais efetuadas por elas dentro e fora dos contextos escolares. Propõe refletir, analisar e discutir como o universo visual manufatura os nossos modos de ver a infância, ao mesmo tempo em que investiga a construção da visualidade infantil a partir das interações com diferentes materiais visuais.

Diante disso, análises finais não são permitidas, pois inúmeras questões emergem novamente: enquanto educadora, que procedimentos pedagógicos posso adotar para contribuir para uma reflexão crítica dos estudantes perante a cultura visual? Ao pensar sobre as meninas da turma não deixei de contemplar as representações dos meninos. Por isso, problematizo: onde estão os corpos masculinos? Que padrões são desejados e construídos para o corpo masculino através da cultura visual?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cao, M. (2005). Lugar do outro na educação artística: o olhar como eixo articulador da experiência: uma proposta didática. In Barbosa, A. *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais* (pp. 198-217). São Paulo: Cortez.
- Cunha, S. (2010). *Cenários da Educação Infantil*. Educação e Realidade. Edição eletrônica.
- Felipe, J. (2007). Erotização dos corpos infantis. In Louro, G e Felipe, J. *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação* (pp. 52-78). Petrópolis (RJ): Vozes.
- Figueira, M. (2007). A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In Louro, G. e Felipe, J. *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação* (pp. 93-130). Petrópolis (RJ): Vozes.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

Gaskell, G. (2002) Entrevistas individuais e grupais. In Bauer, M. e Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 53-78). Petrópolis, RJ: Vozes.

Hernández, F. (2007). *Catadores da Cultura Visual: proposta para uma nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação.

Martins, R. e Tourinho, I. (2010) Culturas da infância e da imagem: aconteceu um fato grave, um incidente global. In Martins, R. e Tourinho, I. *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* (pp. 37-56). Santa Maria: Editora UFSM.

Pereira, M. (2008). *A prática educacional em arte como experiência de resistência: inquietações de fim-de-século* (pp. 2-18). Trabalho apresentado no VII Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, Itajaí (SC).